

A EDUCAÇÃO INTEGRAL

THE INTEGRAL EDUCATION (page 12)

Livro: *Pedagogia Espírita*

J. HERCULANO PIRES

O FILÓSOFO

(CONSTANTE DO LIVRO: “FILOSOFIA GERAL *VERSUS* FILOSOFIA ESPÍRITA” – PÁGINA 494 – DE JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ)

A educação integral

Destinado a possuir todas as virtudes, todos os conhecimentos, todos os talentos, o Espírito será em algum ponto da eternidade, sábio e puro, esteta e criador, como herdeiro da divindade. Cada existência na Terra lhe serve para progredir em qualidades morais e intelectuais.

Mas o equilíbrio entre a moralidade e a inteligência, entre a capacidade de produção estética, a racionalidade e os sentimentos elevados é essencial para o seu desenvolvimento harmonioso. Por isso, a educação deve ser integral, no sentido de garantir um balanceamento útil entre as diferentes potencialidades do ser.

É fácil observar no mundo o quão perigosa é a genialidade destituída de princípios éticos e o quão triste é a ignorância bondosa e ainda a que tragédias existenciais levam os dons criativos, divorciados da racionalidade e da moral.

Na prática da educação integral, há que se zelar pelo burilamento simultâneo das faculdades diversas, para que uma ampare a outra, formando o ser sadio e bem integrado, capaz de mover-se na existência com lucidez e produtividade. Mas também é preciso observar quais as vocações inatas e os déficits do ser reencarnante, para que as inteligências já desenvolvidas sejam aproveitadas eticamente e as capacidades faltantes sejam estimuladas, sem jamais fazer violência às características singulares de cada indivíduo.

Pode-se de maneira resumida indicar alguns setores essenciais de desenvolvimento numa proposta de educação integral. Em primeiro lugar, deve-se apontar a *educação ética*, que se constitui sobretudo em fazer o educando descobrir em sua própria consciência as leis morais que lá se manifestam; diretamente conectada a esse aspecto moral, está a *educação afetiva*, porque toda moralidade deve repousar sobre sentimentos de justiça e fraternidade; a *educação intelectual* se liga ao desenvolvimento cognitivo nas áreas da ciência e da filosofia, da lógica e do bom senso, do espírito crítico e da capacidade de julgamento autônomo; a *educação estética* relaciona-se com a sensibilização para a beleza imanente nas manifestações divinas da natureza e com a capacidade de produzir beleza, não só pelas diversas Artes, mas compreendendo-se o ato estético como necessariamente presente em toda ação humana harmoniosa e elevada; a *educação mediúnica* é a que predispõe o ser a viver interexistencialmente, fazendo uso pleno de suas potencialidades psíquicas; a *educação religiosa* se faz no cultivo dos sentimentos de adoração

a Deus, de respeito às leis da natureza e no conhecimento das diferentes formas de religiosidade humana; a *educação sexual* está na orientação sadia e responsável da sexualidade, entendendo-a como poderosa força criativa e como elo sagrado de comunhão entre homem e mulher na formação da família; a *educação física* se dá no cuidado equilibrado, e não exagerado, do corpo físico, como templo do espírito.

Aplicações práticas

Escola livre e afetiva. Sendo a escola livre, não se pode prescrever-lhe padrões uniformizadores. Dentro dos princípios aqui expostos, surgirão escolas diferentes entre si, pelo modo de organização, pelo projeto pedagógico, pela mentalidade do corpo docente e pelos interesses e vocações específicas do corpo discente. Aliás, a proposta é mesmo a de se considerar as circunstâncias socioculturais locais onde a escola vá se instalar e ainda de se invocar a participação ativa e criativa dos membros da comunidade escolar, o que implicará necessariamente em modelos diferenciados. Mas entre as conseqüências práticas genéricas que podem se derivar dos princípios da Pedagogia Espírita, pode-se afirmar que o amor e a liberdade deverão permear cada aspecto da escola. E esta terá de transformar-se radicalmente.

A obrigatoriedade, o formalismo, a burocratização do ensino, as relações hierárquicas — tudo isso fica abolido e a escola deve renascer livre e amorosa. Os currículos fixos, as programações rígidas, os resultados homogeneizantes, a educação em massa, em que todos são coagidos às mesmas atividades, ao mesmo tempo, com idênticos resultados — tudo isso deverá desaparecer. O ambiente escolar deve ser transmutado. As salas convencionais com carteiras e lousa pertencerão aos séculos passados. Façam-se salas-ambientes, aulas ao ar livre, laboratórios de pesquisa, mediatecas avançadas. E o educando escolherá suas atividades, seus projetos de pesquisa, suas produções. Ao mesmo tempo será amado, conhecido em seus talentos individuais, que serão incentivados e aproveitados. O educador será orientador, amigo, interessado no progresso de cada aluno.

Toda escola será previamente pensada em sua arquitetura, para estimular o gosto estético, para proporcionar harmonia à mente e ao coração; a natureza estará presente com fartura e o aluno não será obrigado a aprender e a ser bom, a progredir e produzir. Mas o envolvimento afetivo será tão intenso, a estimulação do diálogo e o contágio do ambiente serão tão fortes, que ninguém permanecerá por muito tempo na inércia e na rebeldia.

Em contato com a sabedoria e a virtude em ação, o ímpeto de evolução do ser reencarnante se manifestará com pujança, ao invés de ser reprimido pelas formas autoritárias da educação tradicional.

O educador terá o papel preponderante de criar as condições afetivas, ambientais e vitais para o despertar deste ímpeto e depois de zelar para que ele crie raízes e resulte em produções cada vez mais bem acabadas, aprofundadas e belas.

Atividades éticas

Ações solidárias dentro da própria comunidade escolar e fora dela deverão ser incentivadas, não de forma aleatória e inconsistente, mas em

programas definidos e planejados pelos educandos, orientados ou propostos pelos educadores.

A ética não deve ser ensinada pelo que não se deve fazer, pelos limites impostos de fora, pelas regras adotadas artificialmente (ainda que sejam regras livremente aceitas por todos). As regras são apenas convenções necessárias à boa organização de um trabalho ou à uma convivência prática, mas nada têm com a ética, entendida como princípios de moralidade, como atuação consciente no bem. Assim, o comportamento moral deve ser estimulado, para a criatura desde cedo sentir-se útil ao próximo, praticar a ajuda mútua e interessar-se pela felicidade alheia. Então, a justiça e a solidariedade brotarão não de uma aceitação intelectual dos direitos e deveres de cidadania, mas de um legítimo e sentido empenho pelo bem do outro.

Produções estéticas

Produzir esteticamente, sejam poesias, canções, quadros, esculturas pratos deliciosos, jardins floridos — ou ainda o tratamento estético de qualquer outra produção, como por exemplo, preocupar-se com a beleza gráfica de um trabalho escrito ou com a ordenação agradável de um ambiente de trabalho — tudo isto eleva o Espírito, harmoniza-o consigo mesmo, dá-lhe o gosto por buscar a perfeição em todas as coisas.

A escola deve preocupar-se o tempo todo com esse parâmetro de estética, recuperando aliás o sentido de beleza que se ausentou completamente de nossa civilização massificada. Para isso, o educando precisa ser posto em contato com as obras mais belas que a humanidade já produziu. Deve ter acesso desde muito cedo à música clássica dos grandes mestres, à música regional de todos os povos; deve apreciar obras plásticas desde as pinturas rupestres às pinturas do Renascimento e do Impressionismo; deve ouvir e ler poesias e peças de teatro desde a Grécia Antiga às manifestações culturais de seu país. Impregnando-se destas criações estéticas, desenvolverá seus próprios talentos.

Produções intelectuais

Refletir, pesquisar, debater, produzir textos, multimídias... Promover apresentações, visitas, viagens, palestras, intercâmbios... A escola deve ser uma universidade em miniatura, incentivando a reflexão crítica e o espírito científico e toda sorte de produção intelectual, para o Espírito tomar posse de seu próprio desenvolvimento cognitivo e tornar-se um aprendiz permanente na existência e além. Para isso, os temas abordados devem partir do interesse do educando ou de propostas do educador, livremente aceitas, ou ainda de necessidades reais, para aplicação prática.

A escola poderá ser dividida em áreas de interesse, nas quais os alunos individualmente ou em grupo façam projetos de pesquisa. E a interdisciplinaridade deve garantir que a produção intelectual tenha sentido para o aluno. Pode surgir uma pesquisa de Botânica, por causa da plantação de um jardim ou pode se dar a construção de uma máquina experimental, por causa de uma pesquisa de Física.

O que se deve evitar é a abstração ininteligível, a memorização vazia, o ensino mecanicista de conceitos inaplicáveis na vida comum.

Fica assim banido o currículo tradicional, com toda a sua programação prevista, inflexível, fragmentada, ordenada em série.

Elejam-se de cada área conceitos fundamentais que o aluno deverá adquirir e que esses conceitos brotem naturalmente de projetos e produções.

Cerque-se o educando de toda a estimulação possível, de todo entusiasmo pelo conhecimento e lancem-se juntos — professores e alunos — na busca e na pesquisa livre. Os resultados serão imprevisíveis e excitantes e isso trará a vida para a escola e fará do conhecer algo muito mais interessante e eficaz do que assimilar idéias prontas, que serão imediatamente esquecidas depois de preenchidos os exames convencionais.

Abolição de castigos e recompensas

Se o objetivo da Pedagogia Espírita é despertar seres interexistentes, autônomos e conscientes, que se movam voluntariamente no bem, que se interessem espontaneamente pelo aprendizado e que estejam engajados em sua auto-educação, então o condicionamento feito comumente por castigos e recompensas deve ser abandonado.

As motivações extrínsecas ao ato moral e à busca de conhecimento devem ser evitadas. Nem medo, nem vaidade, nem interesse bajulatório devem servir de base para a ação. Por isso, a escola deve abolir estatutariamente os recursos coercitivos e punitivos e da mesma forma as diferentes emulações, inclusive as notas — que mais do que avaliar servem para estímulo à vaidade, à competição ou minam a autoconfiança dos que não atingem o objetivo proposto, que geralmente se baseia na padronização de resultados.

O educador nunca deve punir, mas sempre e incansavelmente procurar tocar a consciência do educando e chamá-lo à auto-correção, incluindo se possível a reparação do erro praticado. Também não deve recompensar com uma nota alta uma produção bem feita. A satisfação advinda dos valores éticos praticados e do trabalho intelectual bem realizado deve ser a motivação essencial do educando, para que ele possa identificar racional e emocionalmente que a felicidade está no bem e no progresso.

O educador, por sua vez, jamais poderá desistir do educando, pois trata-se da declaração tácita da falência da educação. A rebeldia persistente é um desafio pedagógico e nunca um caso perdido, cuja única solução seja a exclusão do indivíduo. A estagnação mental é outro desafio e não motivo para zeros e reprovações.

Assim, ao invés de medidas punitivas, a escola deve promover diálogos permanentes, auto-análise, ajuda mútua para o progresso moral individual e coletivo. Isso se pode atingir, por exemplo, em conversas individuais do educador de maior afinidade com certo educando; em assembléias gerais, para discutir os comportamentos de grupos e as necessidades para melhor convivência...

As avaliações serão feitas na base das produções de cada um e nunca de forma numérica, quantitativa, mas de maneira descritiva, qualitativa, para melhorar o trabalho, encarando-se erros e problemas como naturais da aprendizagem. Em parceria com o educador, o aluno fará sua auto-avaliação,

apontando aquele os aspectos que devem ser aperfeiçoados e informando este as suas dúvidas e dificuldades. O educador passa a ser o orientador moral e intelectual do educando, dependendo deste o progresso feito, mas empenhando-se aquele para que este progresso se dê.

Cultivo da espiritualidade

A Pedagogia Espírita, entretanto, só se propõe a realizar tudo isso, porque se fundamenta no fato de que o homem é um ser espiritual, onde se enraízam as potencialidades divinas da virtude e da sabedoria. Mas, apenas quando se descobre e se sabe como ser espiritual, que o ser interexistente pode se assumir como tal e ter a devida força, persistência e confiança para trabalhar por sua transcendência.

É por isso que toda prática pedagógica espírita deve estar impregnada de intensa espiritualidade, entendendo-se que não se trata aí de fanatismo religioso e nem de dogmatismo específico. Ao mesmo tempo em que se deve oferecer aos alunos, o conhecimento de todas as religiões, com suas práticas e filosofias, de forma imparcial e precisa (e para isso podem ser trazidos os representantes de cada uma ou os próprios alunos-adeptos podem fazer suas intervenções, mostrando aos outros a sua fé), deve-se cultivar uma religiosidade genérica.

Orações em conjunto; leituras de textos religiosos de diferentes correntes (que não ofendam as outras presentes), discussões sobre religiões comparadas e filosofia espiritualista — tudo isso deve lançar o aluno na dimensão do espiritual, fazendo-o compreender que se trata de uma dimensão humana, natural e universal, necessária ao pleno desabrochar do homem.

A idéia da Divindade, a certeza da imortalidade pessoal e o entendimento da moral, como princípios imanentes e, ao mesmo tempo, universais, fortalecem o otimismo da criatura, fazendo-a ver o sentido de se engajar num processo de educação de si mesma e da humanidade. E esse sentimento deve ser contagiante numa escola espírita, sem que todos os que a freqüentem sejam doutrinados no Espiritismo. Mas, entre outras formas de espiritualidade e religiosidade, a proposta de Kardec também deve ser oferecida àqueles que manifestarem interesse.

Em tudo isso, porém, é preciso manter a racionalidade própria da Pedagogia Espírita, que se põe também em posição crítica em relação aos abusos cometidos por todas as correntes (inclusive do próprio movimento espírita).

Os interesses de dominação mental e financeira, os abusos do fanatismo e da intolerância devem ser abertamente criticados, para que cada qual possa viver a espiritualidade de maneira elevada e nobre e que a religiosidade cultivada na escola não se torne misticismo eclético e irracional, acolhendo idéias e práticas esdrúxulas, em contradição com a dignidade do ser humano e com o bom senso universal. É preciso ter lucidez espiritual — e isso o Espiritismo pode fornecer se bem entendido — para captar o que é essencial e verdadeiro em todas as manifestações religiosas e o que é apetrecho de superstição, favorecendo o domínio psíquico de alguns sobre a maioria.

O critério para essa distinção está em primeiro lugar em poder racionalizar a fé, em segundo, julgar suas práticas pelo grau de autonomia e liberdade que conferem aos seus adeptos e, sobretudo, pelos valores éticos que veicula e estimula.

Autogestão administrativa

Os princípios de liberdade e igualdade devem também alcançar as esferas administrativas da escola. Aliás, a administração deve ser amalgamada na proposta pedagógica, para não haver contradições evidentes entre o que se faz e se prega aos alunos e o que se faz nas relações de trabalho. Assim, o modelo patrão-empregado deve ser abolido, porque implica em poder hierárquico garantido pelo valor monetário.

O lucro, para enriquecimento pessoal, não pode ser um objetivo da escola, pois que ele contraria o princípio básico da fraternidade e a própria soberania que a educação deve ter. A finalidade da escola tem de ser a educação de todos — corpo docente, discente, membros da comunidade, lideranças — e essa educação implica justamente em desprendimento de ambições de poder financeiro e político, em interesse no progresso geral como motivação central de toda ação.

Como se deve afastar qualquer motivação extrínseca ao desejo de aprender e ser melhor dos educandos, também educadores terão de renunciar a qualquer motivação extrínseca ao ato de educar, a não ser a satisfação de estar contribuindo para a evolução do próximo e estar fazendo o que se gosta de fazer. Mas a sobrevivência digna de todos deve ser naturalmente garantida e com autogestão administrativa, isto fica muito mais fácil, já que nem existe o dono da escola que determina salários, muitas vezes, pensando sobretudo no lucro da instituição e nem estão presentes as instâncias do poder político, com as quais os professores têm de despender longos esforços de reivindicação.

A reunião das esferas pedagógica e administrativa se justifica assim, porque o educador sabe as prioridades da escola, tem em mente os objetivos pedagógicos, zela pelos seus próprios interesses, ao passo que o administrador, nos moldes atuais das escolas particulares, que muitas vezes nada tem com a educação, ou para administrar, distancia-se dela, está prioritariamente interessado em otimizar os lucros, ordenar hierarquicamente a instituição e, quando muito, obter melhores colocações numéricas para a escola (como nota no provão em faculdades ou acesso ao vestibular em escolas — metas igualmente distintas das pedagógicas, porque tais resultados não revelam real aprendizagem). Para isso, a sua atuação geralmente é burocratizante, anti-democrática (apesar de alguns discursos em contrário) e antipedagógica.

A maneira como se deve viabilizar a autogestão, com junção das esferas pedagógicas e administrativas podem ser as mais variadas, desde as inspiradas em órgãos colegiados, com eleição de diretorias temporárias até as organizações mais livres, do estilo anarcocooperativista, com participação direta de todos os envolvidos no processo e lideranças espontâneas. O importante é manter os princípios de liberdade e igualdade, onde todos os que participem da comunidade escolar possam ser ouvidos, tomem parte em

decisões que os afetem diretamente e tenham acesso à visão geral da administração da escola.

Que nenhum poder se estabeleça em torno do capital ou do poder político. Que a única liderança aceita seja a do conhecimento e da elevação moral, mas nesse caso jamais será liderança imposta, autoritária e opressora, mas antes uma liderança que inspire, oriente e seja respeitada naturalmente.

A viabilidade de aplicação de tais idéias já foi demonstrada em experiências libertárias radicais — embora não aceitassem a dimensão espiritual do homem. Com a base espírita, a partir da qual se compreendem as potencialidades divinas de todas as criaturas, fica mais evidente que ninguém deve mandar e ninguém deve obedecer. Todos podem participar igualmente, assumindo cada um as responsabilidades que lhe pertencem.

Cogestão pedagógica

Todos na escola devem ensinar e aprender. Toda a comunidade escolar deve estar envolvida num processo pedagógico, desde o educando, passando por pais e professores, até aqueles que trabalham em setores de secretaria e limpeza. A escola deve ser um centro de irradiação educativa, em que todos possam realizar-se. Impensável, por exemplo, deveria ser alguém trabalhar numa escola e continuar analfabeto ou pessoas terem vontade de aprender tal ou qual tema de que outras tenham conhecimento e não haja intercâmbios.

Para isso, é preciso que se faça uma cogestão pedagógica: cada qual deve disponibilizar para a comunidade escolar todos as áreas de seu conhecimento e ao mesmo tempo manifestar todas as suas áreas de interesse. Então, alunos, pais, professores, ou qualquer outro membro, poderão sugerir grupos de estudo, pesquisa, laboratórios, cursos.

Não se seguirá mais mecanicamente o currículo fixo e monótono, imposto pelos órgãos governamentais, mas abrir-se-á uma vasta gama de cultura e aprendizado. Alunos que já estejam adiantados em algum assunto poderão fazer conferências ou exposições para pais e funcionários. Não da maneira costumeira em que adultos vão olhar trabalhos de crianças e adolescentes para elogiar paternalmente, mas para haver de fato uma aprendizagem mútua. E isso se dá apenas se os educandos desenvolverem e pesquisarem seus próprios projetos, pois o conhecimento só tem consistência se for autoconstruído e a consistência se demonstra pela capacidade de ensinar.

A cogestão pedagógica é a liberdade de ensinar e aprender e, ao mesmo tempo, a prática da fraternidade pela educação mútua. Cada escola poderá evidentemente organizar isso da maneira mais adequada e conveniente à comunidade. O estabelecimento de horários para trabalhos específicos do corpo docente e discente e outros para pais e membros da comunidade; a maneira de propor estudos, seminários, palestras ou aulas livres — tudo isso deve ficar por conta da iniciativa e da criatividade dos gestores da educação (de que educandos também fazem parte). O importante é que a escola se torne um local de efervescência cultural.

Escola social

Não pode se dar, porém, que a escola se isole, ilha social, sem conexão com a realidade à sua volta. Tem de se estender socialmente, engajar-se na solução dos problemas da comunidade, manter vínculos amistosos e culturais com outras instituições locais — religiosas, políticas, não-governamentais — não para servir de cenário a propagandas ideológicas várias, mas para prestar serviços educativos e promover intercâmbios úteis.

A escola, através de seus membros, deveria exercer militância em causas que envolvam o bem coletivo, como campanhas sociais, pela paz, pela justiça — escapando porém da ilusão comum de que basta escrever panfletos e cartazes para se estar atuando em favor de uma boa causa. Assim, professores, alunos e outros membros da escola poderão ter projetos de ajuda social e de promoção educativa. Por exemplo, educadores e educandos em parceria poderão ter um projeto pedagógico numa creche próxima ou numa zona problemática do bairro. Poderão publicar um jornal ou uma revista que discuta os problemas da comunidade. Enfim, dentro da proposta de se tornar ativa a educação, a ação poderá ser concreta, útil e eficaz dentro da comunidade em que se insere.

Uma escola social é aquela em que o educando toma consciência, na prática, dos problemas de seu meio e das suas possibilidades de atuação efetiva. O confronto com a realidade lhe dará a medida certa da necessidade de engajamento na mudança da sociedade e das dificuldades inerentes a qualquer mudança proposta.

Escola universal

Não apenas para a sua região e sua comunidade, a escola deve se abrir, estabelecendo contatos e estendendo sua influência, mas igualmente para o mundo. Os meios de comunicação atuais permitem situar-se internacionalmente, promovendo intercâmbios e buscando a cultura universal. A aprendizagem das línguas, por exemplo, ganha aplicabilidade e exercício imediatos. O vasto mar de informações e acessos disponíveis na internet, porém, precisa ser garimpado para ser útil.

Se este estar no mundo pelos meios de comunicação deriva de projetos interessantes, voltados para idéias nobres e um fazer sociocultural, então o contato com instituições estrangeiras, as pesquisas eletrônicas e a troca entre pessoas, terão uma finalidade precisa, uma canalização benfazeja. Isso evitará a dispersão, o bombardeamento de informações descartáveis e mesmo o interesse em acessar o que é negativo e prejudicial.

A escola, pois, deve estar no centro do mundo e conhecendo outras culturas e dialogando com outras nações, lançar as bases para um planeta de tolerância e paz, de bem estar coletivo e progresso comum.

E poderá também esticar seu olhar para o universo. Pelo estudo da Astronomia e das ciências psíquicas, penetrar no espaço sideral e nas dimensões espirituais que nos cercam. A Pedagogia Espírita redimensiona o homem no cosmos, tornando-o cidadão do universo. Compreender o funcionamento das galáxias, investigar a possibilidade de outros mundos habitados e ao mesmo tempo sentir e observar experimentalmente que a vida que palpita no todo não é apenas a vida física que conhecemos com os sentidos da carne, mas que se amplia para além de nossas percepções, é

preparar o homem para ver este mundo como uma aldeia cósmica, pela qual é responsável. Um mundo que deve ser pacificado, porque pertencemos a uma só família humana, e um dia, quem sabe, se engajar conscientemente numa comunidade estelar.

Educação para a Morte

Vou me deitar para dormir. Mas posso morrer durante o sono. Estou bem, não tenho nenhum motivo especial para pensar na morte neste momento. Nem para desejá-la. Mas a morte não é uma opção, nem uma possibilidade. É uma certeza. Quando o Júri de Atenas condenou Sócrates à morte ao invés de lhe dar um prêmio, sua mulher correu aflita para a prisão, gritando-lhe: “Sócrates, os juízes te condenaram à morte”. O filósofo respondeu calmamente: “Eles também já estão condenados”. A mulher insistiu no seu desespero: “Mas é uma sentença injusta!” E ele perguntou: “Preferias que fosse justa?” A serenidade de Sócrates era o produto de um processo educacional: a Educação para a Morte. É curioso notar que em nosso tempo só cuidamos da Educação para a Vida. Esquecemo-nos de que vivemos para morrer. A morte é o nosso fim inevitável. No entanto, chegamos geralmente a ela sem o menor preparo. As religiões nos preparam, bem ou mal, para a outra vida. E depois que morremos encomendam o nosso cadáver aos deuses, como se ele não fosse precisamente aquilo que deixamos na Terra ao morrer, o fardo inútil que não serve mais para nada.

Quem primeiro cuidou da Psicologia da Morte e da Educação para a Morte, em nosso tempo, foi Allan Kardec. Ele realizou uma pesquisa psicológica exemplar sobre o fenômeno da morte. Por anos seguidos falou a respeito com os espíritos de mortos. E, considerando o sono como irmão ou primo da morte, pesquisou também os espíritos de pessoas vivas durante o sono. Isso porque, segundo verificara, os que dormem saem do corpo durante o sono. Alguns saem e não voltam: morrem. Chegou, com antecedência de mais de um século, a esta conclusão a que as ciências atuais também chegaram, com a mesma tranquilidade de Sócrates, a conclusão de Victor Hugo: “Morrer não é morrer, mas apenas mudar-se”.

As religiões podiam ter prestado um grande serviço à Humanidade se houvessem colocado o problema da morte em termos de naturalidade. Mas, nascidas da magia e amamentadas pela mitologia, só fizeram complicar as coisas. A mudança simples de que falou Victor Hugo transformou-se, nas mãos de clérigos e teólogos, numa passagem dantesca pela *selva selvaggia* da Divina Comédia. Nas civilizações agrárias e pastoris, graças ao seu contato permanente com os processos naturais, a morte era encarada sem complicações. Os rituais suntuosos, os cerimoniais e sacramentos surgiram com o desenvolvimento da civilização, no deslanche da imaginação criadora. A mudança revestiu-se de exigências antinaturais, complicando-se com a burocracia dos passaportes, recomendações, trânsito sombrio na barca de Caronte, processos de julgamento seguido de condenações tenebrosas e assim por diante. Logo mais, para satisfazer o desejo de sobrevivência, surgiu a monstruosa arquitetura da morte, com mausoléus, pirâmides, mumificações, que permitiam a ilusão do corpo conservado e da permanência fictícia do morto acima da terra e dos vermes. Morrer já não era morrer, mas metamorfosear-se, virar múmia nos sarcófagos ou assombração maléfica nos mistérios da noite. As múmias, pelo menos, tiveram utilidade posterior, como

vemos na História da Medicina, servindo para os efeitos curadores do pó de múmia. E quando as múmias se acabaram, não se achando nenhuma para remédio, surgiram os fabricantes de múmias falsas, que supriam a falta do pó milagroso. Os mortos socorriam os vivos na forma lobateana do pó de pirimpimpim.

Muito antes de Augusto Comte, os médicos haviam descoberto que os vivos dependiam sempre e cada vez mais da assistência e do governo dos mortos. De toda essa embrulhada resultou o pavor da morte entre os mortais. Ainda hoje os antropólogos podem constatar, entre os povos primitivos, a aceitação natural da morte. Entre as tribos selvagens da África, da Austrália, da América e das regiões árticas, os velhos são mortos a pauladas ou fogem para o descampado a fim de serem devorados pelas feras. O lobo ou o urso que devora o velho e a velha expostos voluntariamente ao sacrifício será depois abatido pelos jovens caçadores que se alimentam da carne do animal reforçada pelos elementos vitais dos velhos sacrificados. É um processo generoso de troca no qual os clãs e as tribos se revigoram.

O pavor maior da morte provém da idéia de solidão e escuridão. Mas os teólogos acharam que isso era pouco e oficializaram as lendas remotas do Inferno, do Purgatório e do Limbo, a que não escapam nem mesmo as crianças mortas sem batismo. De tal maneira se aumentaram os motivos do pavor da morte, que ela chegou a significar desonra e vergonha. Para os judeus, a morte se tornou a própria impureza. Os túmulos e os cemitérios foram considerados impuros. Os cenotáfios, túmulos vazios construídos em honra aos profetas, mostram bem essa aversão à morte. Como podiam eles aceitar um Messias que vinha da Galiléia dos Gentios, onde o Palácio de Herodes fora construído sobre terra de cemitérios? Como aceitar esse Messias que morreu na cruz, vencido pelos romanos impuros, que arrancara Lázaro da sepultura (já cheirando mal) e o fizera seu companheiro nas lides sagradas do messianismo?

Ainda em nossos dias o respeito aos mortos está envolvido numa forma velada de repulsa e depreciação. A morte transforma o homem em cadáver, risca-o do número dos vivos, tira-lhe todas as possibilidades de ação e, portanto, de significação no meio humano. “O morto está morto”, dizem os materialistas e o populacho ignaro. O Papa Paulo VI declarou, e a imprensa mundial divulgou em toda parte, que “existe uma vida após a morte, mas não sabemos como ela é”. Isso quer dizer que a própria Igreja nada sabe da morte, a não ser que morremos. A idéia cristã da morte, sustentada e defendida pelas diversas igrejas, é simplesmente aterradora. Os pecadores ao morrer se vêm diante de um Tribunal Divino que os condena a suplícios eternos. Os santos e os beatos não escapam às condenações, não obstante a misericórdia de Deus, que não sabemos como pode ser misericordioso com tanta impiedade. As próprias crianças inocentes, que não tiveram tempo de pecar, vão para o Limbo misterioso e sombrio pela simples falta do batismo. Os criminosos broncos, ignorantes e todo o grosso da espécie humana são atirados nas garras de Satanás, um anjo decaído que só não encarna o mal porque não deve ter carne. Mas com dinheiro e a adoração interesseira a Deus essas almas podem ser perdoadas, de maneira que só para os pobres não há salvação, mas para os ricos o Céu se abre ao impacto dos *tedéuns* suntuosos, das missas cantadas e das gordas contribuições para a Igreja. Nunca se viu soberano mais venal e

tribunal mais injusto. A depreciação da morte gerou o desabrido comércio dos traficantes do perdão e da indulgência divina. O vil dinheiro das roubalheiras e injustiças terrenas consegue furar a Justiça Divina, de maneira que o desprestígio dos mortos chega ao máximo da vergonha. A felicidade eterna depende do recheio dos cofres deixados na Terra.

Diante de tudo isso, o conceito da morte se azinhavra nas mãos dos cambistas da simonia, esvazia-se na descrença total, transforma-se no conceito do nada, que Kant definiu como conceito vazio. O morto apodrece enterrado, perdeu a riqueza da vida, virou pasto de vermes e sua misteriosa salvação depende das condições financeiras da família terrena. O morto é um fraco, um falido e um condenado, inteiramente dependente dos vivos na Terra.

O povo não compreende bem todo esse quadro de misérias em que os teólogos envolveram a morte, mas sente o nojo e o medo da morte, introjetados em sua consciência pela farsa dos poderes divinos que o ameaçam desde o berço ao túmulo e ao além-túmulo. Não é de admirar que os pais e as mães, os parentes dos mortos se apavorem e se desesperem diante do fato irremissível da morte.

Jesus ensinou e provou que a morte se resolve na *Páscoa* da ressurreição, que ninguém morre, que todos temos o corpo espiritual e vivemos no além-túmulo como vivos mais vivos que os encarnados. Paulo de Tarso proclamou que o corpo espiritual é o corpo da ressurreição (cap. 12 da primeira Epístola aos Coríntios), mas a permanente imagem do Cristo crucificado, das procissões absurdas do Senhor Morto, – heresia clamorosa – , as cerimônias da Via-Sacra e as imagens aterradoras do Inferno Cristão – mais impiedoso e brutal do que os Infernos do Paganismo – marcados a fogo na mente humana através de dois milênios, esmagam e envilecem a alma supersticiosa dos homens.

Não é de admirar que os teólogos atuais, divididos em várias correntes de sofistas cristãos moderníssimos, estejam hoje proclamando, com uma alegria leviana de debilóides, a Morte de Deus e o estabelecimento do Cristianismo Ateu. Para esses novos teólogos, o Cadáver de Deus foi enterrado pelo Louco de Nietzsche, criação fantástica e infeliz do pobre filósofo que morreu louco.

O clero cristão, tanto católico como protestante, tanto do Ocidente como do Oriente, perdeu a capacidade de socorrer e consolar os que se desesperam com a morte de pessoas amadas. Seus instrumentos de consolação perderam a eficiência antiga, que se apoiava no obscurantismo das populações permanentemente ameaçadas pela Ira de Deus. A Igreja, Mãe da Sabedoria Infusa, recebida do Céu como graça especial concedida aos eleitos, confessa que nada sabe sobre a vida espiritual e só aconselha aos fiéis as práticas antiquadas das rezas e cerimônias pagas, para que os mortos queridos sejam beneficiados no outro Mundo ao tinir das moedas terrenas. O Messias espantou a chicote os animais do Templo que deviam ser comprados para o sacrifício redentor no altar simoníaco e derrubou as mesas dos cambistas, que trocavam no Templo as moedas gregas e romanas pelas moedas sagradas dos magnatas dispenseiros da misericórdia divina. O episódio esclarecedor foi suplantado na mente popular pelo impacto

esmagador das ameaças celestiais contra os descrentes, esses rebeldes demoníacos. Em vão o Cristo ensinou que as moedas de César só valem na Terra. Há dois mil anos essas moedas impuras vêm sendo aceitas por Deus para o resgate das almas condenadas. Quem pode, em sã consciência, acreditar hoje em dia numa Justiça Divina que funciona com o mesmo combustível da Justiça Terrena? Os sacerdotes foram treinados a falar com voz empostada, melíflua e fingida, para, à semelhança da voz das antigas sereias, embalar o povo nas ilusões de um amor venal e sem piedade. Voz doce e gestos compassivos não conseguem mais, em nossos dias, do que irritar as pessoas de bom senso. O Cristo Consolador foi traído pelos agentes da misericórdia divina que desceu ao banco das pechinchas, no comércio impuro das consolações fáceis. Os homens preferem jogar no lixo as suas almas, que Deus e o Diabo disputam não se sabe porquê.

Book: Spiritist Pedagogy
J. HERCULANO PIRES
The PHILOSOPHER

The integral education

Destined to possess all the virtues, all the knowledges, all the talents, the Spirit will be at some point of the eternity, wise and pure, esthete and creator, as inheritor of the divinity. Each existence on Earth serves him to progress in moral and intellectual qualities.

But the equilibrium between the morality and the intelligence, among the capacity of aesthetic production, the rationality and the elevated feelings is essential to his harmonious development. For it, the education should be integral, in order to guarantee an useful balance among the different potentialities of the being.

It is easy to observe in the world just how dangerous is the geniality destitute of ethical principles, and how sad is the kind ignorance and, still, to what existential tragedies lead the creative gifts, divorced from the rationality and of the morality.

In the practice of the integral education, it is necessary to care for the simultaneous improvement of the different faculties, in order that one sustain the other, forming the being healthy and well integrated, able to move himself in the existence with lucidity and productivity. But it is also necessary to observe which are the innate vocations and the deficits of the reincarnating being, in order that the intelligences already developed should be utilized ethically and the missing capacities be stimulated, without never to make violence to the singular characteristics of each individual.

One can of summarized manner indicates some essential sectors of developing in a proposal for integral education. First of all, one must point the *ethical education*, which constitutes above all in making the student discover in his own conscience the moral laws that in there are manifested; directly connected to this moral aspect, is the *affective education*, because all morality must rest over feelings of justice and fraternity; the *intellectual education* binds to the cognitive development in the areas of the science and of the philosophy, of the logic and of the good sense, of the spirit critical and of the capacity of autonomous judgment; the *aesthetic education* is related to the sensibility to the immanent beauty in the divine manifestations of the nature and with the capacity to produce beauty, not only by the various Arts, but understanding the aesthetic act as necessarily present in all harmonious and elevated human action; the *mediunic education* is the one that predisposes the being to live inter-

existentially, making full use of their psychic potentialities; the *religious education* is done in the cultivation of the feelings of adoration to God, of respect to the laws of the nature and in the knowledge of the different forms of human religiosity; the *sexual education* is on the healthy and responsible sexuality orientation, understanding it as a powerful creative force and as sacred bond of communion between man and woman in the family formation; the *physical education* takes place in the balanced care, and not exaggerated, of the physical body, as temple of the spirit.

Practical applications

Free and affective school. Being the school free, we cannot prescribe to it standards for uniformity. Within the principles exposed here, will emerge different schools among themselves, by the mode of organization, by the pedagogical project, by the mentality of the professors and for the interests and specific vocations of the students. Indeed, the proposal is really the one of considering the circumstances local socio-cultural, where the school will be installed and, still, of invoking the active and creative participation of the members of the school community, which necessarily will imply models different. But among the generic practical consequences that can derive from the principles of the Spiritist Pedagogy, it can be said that the love and the freedom should permeate every aspect of the school. And this will have to transform itself radically.

The obligatorily, the formalism, the bureaucratization of the teaching, the hierarchical relations - all this is abolished and the school must be reborn free and loving. The fix curriculum, the rigid programs, the homogenizing results, the education in mass, in which everyone is coerced to the same activities, at the same time, with identical results - all this should disappear. The school ambient must be transmuted. The conventional rooms with desks and blackboard will belong to the past centuries. Make-up room-ambient, outdoor classes, laboratories of researches, advanced mediatheques. And the student will choose their activities, their research projects, their productions. At the same time will be loved, known in their individual talents, which will be encouraged and utilized. The teacher will be counselor, friend, interested in the progress of each student.

Every school will be previously thought in its architecture, in order to stimulate the aesthetic taste, to provide harmony to the mind and to the heart; the nature will be present in abundance and the student will not be obliged to learn and to be good, to progress and to produce. But the affective involvement will be so intense, the stimulation of the dialogue and the contagion of the ambience will be so strong, that no one will remain long time in the inertia and in the rebellious.

In contact with the wisdom and the virtue in action, the impetus of evolution of the reincarnating being will be manifested with vigor, rather than being repressed by the authoritarian forms of the traditional education.

The educator will have the preponderant paper of creating the affective conditions, environmental and vital for the awakening of this impetus and then to ensure that it creates root and results in productions each time more well-finished, depth and beautiful.

Ethical activities

Actions of solidarity within the own school community and outside it should be encouraged, not of randomly manner and inconsistent, but in programs defined and planned by the educands, oriented or proposed by the educators.

The ethics should not be taught by what should not be done, by the limits imposed from outside, by the rules adopted artificially (although they are rules freely accepted by all). The rules are only conventions necessities to the good organization of a work or to a practical coexistence, but have nothing with the ethics, understood as principles of morality, as a conscious actuation in the good. Thus, the moral conduct should be stimulated, in order that

the creature from early feel herself useful to others, to practice mutual assistance and to interest herself in the happiness of the others. So, the justice and the solidarity will sprout not of an intellectual acceptance of the rights and duties of citizenship, but of a legitimate and felt effort for the good of the other.

Aesthetics productions

To produce aesthetically, be poems, songs, paintings, sculptures, delicious dishes, flower gardens - or else the aesthetic treatment of any other production, such as, to worry himself about the graphic beauty of a written work or with the agreeable ordination of an ambient of work - all this elevates the Spirit, harmonizes him with himself, it gives him the taste for seeking the perfection in all the things.

The school must worry itself all the time with this parameter of aesthetics, restoring, in fact, a sense of beauty that is completely absent of our massified civilization. For this, the student needs to be put in contact with the most beautiful works that the humanity has ever produced. Should have access from early age to the classical music of the great masters, to the regional music of all peoples; should appreciate the plastic works since the cave paintings to the paintings of the Renaissance and of the Impressionism; should hear and read poems and plays of theater since the Ancient Greece to the cultural manifestations of their country. Impregnating themselves of these aesthetic creations, will develop their own talents.

Intellectual productions

Reflect, research, debate, produce texts, multimedia ... Promoting presentations, visits, trips, lectures, exchanges ... The school should be an university in miniature, encouraging the critical reflection and the scientific spirit and all sort of intellectual production, in order to the Spirit take possession of his own cognitive development and become a permanent learner in the existence and beyond. For this, the topics covered should initiate from the student's interest or of the educator proposals, freely accepted, or even of real needs, to practical application.

The school could be divided into areas of interest, in which the students individually or in groups make research projects. And the interdisciplinarity must guarantee that the intellectual production has sense to the student. Can appear a research of Botanical, because of the plantation of a garden or may occur the construction of an experimental machine, because of a research of Physics.

What must be avoided is the unintelligible abstraction, the empty memorization, the mechanicists teaching of inapplicable concepts in the common life.

It is, thus, banned the traditional curriculum, with all its planned programming, inflexible, fragmented, ordained in series.

May be elected of each area, fundamental concepts that the student must acquire and that these concepts naturally sprout of projects and productions.

Be involved the student of all the possible stimulation, of all the enthusiasm for the knowledge and be directed together - teachers and students - in the search and in the free research. The results will be unpredictable and exciting, and it will bring the life to the school and will make of the knowing something much more interesting and efficacious than to assimilate ready ideas, which will be immediately forgotten after completed the conventional examinations.

Abolition of the punishments and rewards

If the goal of the Spiritist Pedagogy is to awake inter-existing beings, autonomous and conscious, that they move themselves voluntarily in the good, that are interested spontaneously

for the learning and that they are engaged in their self-education, then the conditioning commonly done by punishments and rewards should be abandoned.

The extrinsic motivations to the moral act and to the search of knowledge should be avoided. Neither fear, nor vanity, nor flattering interest should serve of basis to the action. Therefore, the school should abolish statutorily the coercive and punitive resources and of the same form the different emulations, including the notes – that more than evaluating serve for stimulating to the vanity, to the competition or undermine the self-confidence of those who not reaching the goal proposed, which generally is based on the standardization of results.

The educator should never punish, but always and tirelessly seek touching the student's conscience and call him to the self-correction, including, if possible, the reparation of the error committed. Nor should reward with a high note a production well made. The satisfaction coming from the ethical values practiced and of the intellectual work well realized, should be the essential motivation of the student, so that he can identify, rational and emotionally, that the happiness is in the good and in the progress.

The educator, in turn, can never give up of the educands, because it would be the tacit declaration of the failure of the education. The persistent rebelliousness is a pedagogical challenge and never a lost case, to which the only solution would be the exclusion of the individual. The mental stagnation is another challenge and no reason to zeros and reproofs.

So, instead of punitive measures, the school should promote permanent dialogues, self-analysis, mutual help for the individual and collective moral progress. This can be achieved, for example, in individuals conversations of the educator of greater affinity with certain student; in general assemblies in order to discuss the behaviors of groups and the needs for better coexistence...

The evaluations will be made on the basis of the productions of each one and never of form numeric, quantitative, but of manner descriptive, qualitative, in order to improve the work, considering errors and problems such as natural of the learning. In partnership with the educator, the student will make his self-evaluation pointing out the educator the aspects that must be improved and informing the student their doubts and difficulties. The educator pass to be the moral and intellectual mentor of the student, depending of the student the progress made, but enforcing the educator in order that this progress occurs.

Cultivation of the spirituality

The Spiritist Pedagogy, however, only proposes itself to accomplish all this, because it is founded on the fact that the man is a spiritual being, where are rooted the divine potentialities of the virtue and of the wisdom. But, only when he discovers himself and knows himself as a spiritual being, that the being inter-existent can assumes himself as such and have the necessary force, persistence and confidence in order to work for his transcendence.

That is why all the practice pedagogic spiritist must be impregnated of intense spirituality, understanding that does not treat here of religious fanaticism and nor of specific dogmatism. At the same time that should be offered to the students the knowledge of all the religions, with their practices and philosophies, of impartial form and precise (and for that can be brought the representatives of each religion or the own student-adepts can make their interventions, showing to the others their faith), should be cultivated a generic religiosity.

Prayers in conjunction; readings of religious texts from different streams (which do not offend the others present), discussions about comparative religions and spiritualist philosophy - all this must launch the student in the dimension of the spiritual, making him understand that this treats of a human dimension natural and universal, necessary for the full germinating, awakening, of the man.

The idea of the Divinity, the certainty of the personal immortality and the understanding of the moral, as immanent principles and, at the same time, universals, strengthen the creature's optimism, making her to see the sense of engaging herself in a process of self-education and of the humanity. And that feeling must be contagious in a Spiritist school, without that all those who frequent it be indoctrinated in the Spiritism. But, among other forms of spirituality and religiosity, the proposal of Kardec must also be offered to those who will manifest interest.

In all this, however, we must maintain the rationality proper of the Spiritist Pedagogy, which also puts itself in critical position in relation to the abuses committed by all the streams (including of the own spiritist movement).

The interests of mental and financial domination, abuse of the fanaticism and of the intolerance should be openly criticized, in order that each one can live the spirituality of high and noble manner, and that the religiosity cultivated in the school does not become eclectic and irrational mysticism, welcoming ideas and unusual practices, in contradiction with the dignity of the human being and with the universal good sense. It is necessary to have spiritual lucidity - and this the Spiritism can provide, if well understood - in order to capture what is essential and true in all the religious manifestations and what is paraphernalia of superstition, favoring the psychic domain of some over the majority.

The criterion for this distinction is, in first place, in to be able to rationalize the faith, in second place, to judge its practices by the degree of autonomy and freedom that confer to their adepts and, above all, by the ethical values that defends and stimulates.

Self-management administrative

The principles of freedom and equality should also reach the spheres administrative of the school. In fact, the administration should be amalgamated in the pedagogical proposal, in order that there is no evident contradictions between what is done and preached to the students and what is done in the labor relations. Thus, the model patron-employee should be abolished, because it implies in hierarchical power guaranteed by the monetary value.

The profit, for personal enrichment, cannot be a school goal, because it goes against the basic principle of brotherhood and the own sovereignty that the education should have. The school's finality must be the education of all - teachers, students, community members, leaderships - and this education justly implies detachment of the ambitions of financial and political power, in interest in the general progress as a central motivation of all action.

How it should be removed any extrinsic motivation to the desire of learning and be better of the students, also educators will have to renounce to any extrinsic motivation to the act of educating, except the satisfaction of being contributing to the evolution of the neighbor and be doing what enjoys of doing. But the survival, with dignity, of all must be naturally guarantee and with administrative self-management, this becomes much easier, since not exists the owner of the school who determines salaries, often, thinking, above all, in the profit of the institution and neither are present the instances of the political power, with which the teachers have to spend long efforts of vindication.

The reunion of the pedagogical and administrative spheres is justified in this manner, because the educator knows the school's priorities, have in mind the pedagogical goals, cares for its own interests, whereas the administrator in currently conducted of the private schools, which, often, nothing have with the education, or, in order to administer, gets distant from it, is primarily interested in optimize the earnings, order hierarchically the institution and, at most, get better numerical collocations to the school (as a note in Provão, into faculties or access to the vestibular in schools - also different goals of the pedagogics, because such results do not reveal real learning). For this, his acting is generally bureaucratizing, undemocratic (although some speeches in the contrary) and anti-pedagogical.

The manners how should make possible the self-management, with the junction of pedagogical and administrative spheres, can be the most varied, since the inspired in collegiate institutions, with the election of temporary boards until the more free organizations, of anarcho-cooperativist style, with direct participation of all those involved in the process and spontaneous leaders. The important is to keep the principles of freedom and equality, where all those who participate of the scholar community can be heard, take part in decisions that directly affect them and have access to the general vision of the school administration.

That no power be established around the capital or of the political power. The only leadership accepted be of the knowledge and of the moral elevation, but in this case will never be imposed leadership, authoritarian and oppressive, but before a leadership that inspires, guides and be respected naturally.

The viability of application of such ideas has been already demonstrated in radical libertarian experiences - though did not accept the spiritual dimension of the man. With the spiritual base, from which are understood the divine potentialities of all the creature, it becomes more evident that no one should give orders and no one should obey. Everyone can participate equally, each one assuming the responsibilities that belong to him.

Pedagogical co-management

Everyone in the school must teach and learn. The whole school community must be involved in a pedagogical process, since the educands, passing by parents and teachers, until those who work in secretarial and cleaning sectors. The school should be a center of educational irradiation, in which everyone can realize himself. Unthinkable, for example, should be someone working in a school and continue unlettered, or persons having a desire of learning this or that theme, of what others have knowledge, and there are no exchanges.

For this, it is necessary to do a pedagogical co-management: each must put at dispositions to the school community all the areas of his knowledge, and, at the same time, to manifest all their areas of interest. So, students, parents, teachers, or any other member, may suggest groups of study, research, laboratories, courses.

Will not follow more mechanically the fixed and monotonous curriculum, imposed by the government entities, but will open a vast-variety of culture and learning. Students who are already advanced in some matter could give lectures or expositions for parents and functionaries. Not of the usual manner in which adults go look at children and adolescents work in order to eulogize paternally, but in order to really be a mutual learning. And this happens only if the students develop and search out their own projects, because the knowledge has consistency only if it is self-built and the consistency is demonstrated by the capacity of teaching.

The pedagogical self-management is the freedom of teaching and learning and, at the same time, the practice of brotherhood by the mutual education. Each school could, naturally, organize this, of the most adequate and convenient manner to the community. The establishment of times for specific works of teachers and students, and others to parents and community members; the manner of proposing studies, seminars, lectures or free classes - all this must be left to the initiative and creativity of the managers of education (of what students are also part). The important is that the school becomes a place of cultural effervescence.

Social school

There cannot occur, however, that the school is isolate, social island, with no connection to the reality around it. Must extend itself socially, engaging in the solution of the community problems, maintain friendly and cultural ties with other local institutions - religious, political, non-governmental - not to serve as a scenario to various ideological propaganda, but to provide educative services and promote useful exchanges.

The school, through their members, should exercise militancy in causes that involve the collective good, as social campaigns, for peace, for justice - but escaping, however, of the common illusion that is enough to write pamphlets and posters in order to be acting in favor of a good cause. Thus, teachers, students and other members of the school may have social help projects and of educative promotion. For example, educators and students together could have a pedagogical project in a nearby kindergarten or in a problematic area of the neighborhood. May publish a newspaper or a magazine that discusses the problems of the community. Finally, within the proposal of becoming active the education, the action could be concrete, useful and efficient within the community in which it operates.

A social school is the one in which the student becomes conscious, in the practice, of the problems of his environment and of their possibilities of effective actions. The confrontation with the reality will give him the measure of the need for engagement in the changing of the society and of the difficulties inherent to any proposed of changes.

Universal school

Not only for its region and its community, the school should open itself, establishing contacts and extending its influence, but also for the world. The present means of communication allow be situated itself internationally, promoting exchanges and seeking the universal culture. The language learning, for example, earns applicability and immediate exercise. The vast sea of information and accesses in disposition on the internet, however, must be selected in order to be useful.

If this being in the world through the media derives from interesting projects, directed to noble ideas and a making social-cultural, so the contact with foreign institutions, the electronic researches and the exchange among persons, will have a specific purpose, a beneficent canalization. This will prevent the dispersion, the bombing of disposable information and even the interest to access what is negative and harmful.

The school, therefore, should be at the center of the world and, knowing other cultures and dialoguing with other nations, to launch the basis for a world of tolerance and peace, of collective welfare and common progress.

And could also extend his view to the universe. By the study of the Astronomy and of the psychic sciences, penetrate into sidereal space and in the spiritual dimensions that surround us. The Spiritist Pedagogy re-dimensions the man in the cosmos, making him citizen of the universe. To understand the functioning of the galaxies, to investigate the possibility of others inhabited worlds and, at the same time, feel and observe experimentally that the life that palpitating in the whole is not only the physical life that we know with the senses of the flesh, but that extends itself beyond our perceptions, is to prepare the man in order to see this world as a cosmic village, for which is responsible. A world that must be pacified, because we belong to one only human family, and one day, perhaps, consciously engage ourselves in a stellar community.

Education for the Death

I go to bed to sleep. But I can die during the sleep. I am fine, I have no special reason to think about death at this moment. Neither for desire it. But the death is not an option, nor a possibility. It is a certainty. When the jury of Athens condemned Socrates to death instead of giving him a prize, his wife ran anxious to prison, shouting to him: "Socrates, the judges condemned you to death." The philosopher replied calmly: "They also already are condemned." The woman insisted in his despair: "But it is an unjust sentence!" And he asked, "Would you prefer that was just?" The Socrates serenity was the product of an educational process: Education for the Death. It is curious to note that in our time we take care only of the Education for the Life. We forget that we live to die. The death is our inevitable end. However, usually we

come to it without any preparation. The religions prepare us, good or bad, to the other life. And after we die they commend our cadaver to the gods, as if the cadaver was not precisely what we left on Earth at die, the useless fardel that no longer serves for anything.

Who first took care of the Death Psychology and of the Education for Death, in our time, it was Allan Kardec. He made an exemplary psychological research about the phenomenon of the death. By consecutives years talked about it with the spirits of the dead. And, considering the sleep as a brother or cousin of the death, also researched the spirits of living persons during the sleep. This why, according to what verified, those who sleep get out of the body during sleep. Some leave and not come back: they die. Arrived, in advance of more than a century, to this conclusion to what the current sciences also came, with the same tranquility of Socrates, the conclusion of Victor Hugo: "Dying is not dying, but only to move."

The religions could have rendered a great service to the Humanity if had put the problem of the death in terms of naturalness. But, born of the Maggie and breastfed by the mythology, only did to complicate the things. The simple change of what spoke Victor Hugo became, in the hands of the clerics and theologians, in a dantesque passage through the *selva selvaggia* of the *Divine Comedy*. In the agrarian and pastoral civilizations, thanks to its permanent contact with the natural processes, the death was seen without complications. The sumptuous rituals, the ceremonials and sacraments emerged with the development of the civilization, in the excesses of the creative imagination. The change was filled with unnatural exigencies, complicating itself with the bureaucracy of the passports, recommendations, dark traffic on the boat of Caronte, processes of trial followed by tenebrous condemnations and so on. Soon later, in order to satisfy the desire for survival, appeared the monstrous architecture of the death, with mausoleums, pyramids, mummifications, which permitted the illusion of the body conserved and of the fictitious permanence of the dead above the ground and of the worms. Dying was no longer die, but self-metamorphose, turn in mummy in the sarcophagi or malefic ghost in the mysteries of the night. The mummies, at least, had posterior utility, as we see in the History of the Medicine, serving for the curators effects of the powder of mummy. And when the mummies were finished, not finding none for remedy, emerged the manufacturers of false mummies, which supplied the lack of the miraculous powder. The dead helped the living in the lobateana form of the powder of pirimpimpim.

Long before Auguste Comte, the doctors had discovered that the living depended ever and more and more of the assistance and government of the dead. Of all this mess resulted in the fear of the death among the mortals. Still today the anthropologists can see, among primitive peoples, the natural acceptance of the death. Among the savage tribes of Africa, Australia, America and of the Arctic regions, the old men are killed with sticks or escape to the open field in order to be devoured by wild beasts. The wolf or the bear that devours the old man and the old woman, voluntarily exposed to the sacrifice, will then be shot down by the young hunters that feed themselves of the animal's flesh reinforced by the vital elements of the old men and old women sacrificed. It is a generous process of exchange in which the clans and tribes reinvigorate themselves.

The biggest fear of the death comes from the idea of solitude and darkness. But the theologians thought that this was just little and officialized the remote legends of the Hell, of the Purgatory and of the Limbo, to which don't escape even the children who die without baptism. In such a manner were increased the motives of fear of death, that it has come to mean dishonor and shame. For the Jews, the death became the own impurity. The tombs and the cemeteries were considered impure. The cenotaphs, empty tombs built in honor of the prophets, show well this aversion to the death. How could they accept a Messiah who came from the Galilee of the Gentiles, where Herod's palace was built over the land of cemeteries? How to accept this Messiah who died on the cross, won by the impure Romans, who had taken

Lazarus from the grave (already smelling bad) and made him his companion in the holy labors of the messianism?

Still in our days the respect for the dead is involved in a veiled form of repulsion and depreciation. The death transforms the man in cadaver, risks him of the number of the living, takes away all the possibilities for action and, therefore, of significance in the human environment. "The dead is dead," say the materialists and the ignorant populace. Pope Paul VI declared, and the world press reported everywhere that "there exists a life after death, but we do not know how it is." This means that the Church itself knows nothing of the death, unless that we die. The Christian idea of death, sustained and defended by the various churches, is simply terrifying. The sinners at dyeing see themselves facing a Divine Court that condemns them to eternal torments. The saints and the blessed do not escape from the condemnations, despite the mercy of God, that we do not know how can be merciful with so much impiety. The very innocent children, who had no time to sin, go to the mysterious and shady Limbo for the simple lack of baptism. The rustic, ignorant criminals and all the large part of the human species are thrown into the clutches of Satan, a fallen angel who does not only incarnates the evil because should not have meat. But with money and the self-serving adoration to God these souls can be forgiven, so that only for the poor there is no salvation, but for the rich the Heaven opens to the impact of the sumptuous *tedéuns*, of the chanted mass and from the fat contributions to the Church. We never saw sovereign more venal and more unjust court. The depreciation of the death generated the unbridled commerce of the traffickers of the forgiveness and of the divine indulgence. The vile money from the robberies and earthly injustices can stick to the Divine Justice, so that the discredit of the dead reaches the maximum of the shame. The eternal happiness depends on the filling from the coffers left on Earth.

Face of all this, the concept of death verdigris in the hands of the dealers of the simony, empties in the total disbelief, turns on the concept of the nothing, that Kant defined as empty concept. The dead rots buried, lost the richness of the life, he turned pasture of worms and his mysterious salvation depends on the financial conditions of the earthly family. The dead man is a weak, a bankrupt and a condemned, entirely dependent of the lives on Earth.

The people do not well understand all that framework of miseries in which the theologians involved the death, but feels the disgust and the fear of death, introjected into his consciousness by the farce of the divine powers that threaten him from the cradle to the grave and beyond the grave. It is not of admire that the parents and the mothers, the relatives of the dead became in panic and despair themselves before the irremissible fact of the death.

Jesus taught and proved that the death is resolved on the *Easter* of the resurrection, that nobody dies, that we all have the spiritual body and we live beyond the grave as alive more alive than the alive incarnate. Paul of Tarsus proclaimed that the spiritual body is the body of the resurrection (chapter 12 of the First Epistle to the Corinthians.), But the permanent image of the crucified Christ, of the absurd processions of the Dead Lord, - clamorous heresy -, the ceremonies of the Via Cruces and the terrifying images of the Christian Hell - more pitiless and brutal than the Hells of the Paganism - marked on fire in the human mind through two millennia, crush and degrades the superstitious soul of the men.

It is not of admire oneself that the current theologians, divided into several schools of ultra-modern Christians sophists, are today proclaiming, with a frivolous joy of debilóides, the Death of God and the establishment of Christianity Atheist. For these new theologians, the Cadaver of God was buried by the Crazy of Nietzsche, fantastic and unfortunate creation of the poor philosopher who died crazy.

The Christian clergy, both Catholic as Protestant, both of the West and of the East, lost the capacity to help and comfort those who despair with the death of loved ones. Their instruments of consolation lost the ancient efficiency, which was based on the obscurantism of

the populations permanently threatened by the Wrath of God. The Church, Mother of the Infuse Wisdom, received of the Heaven as a special grace given to the elects, confesses that knows nothing of the spiritual life and only advises to the believers the antiquated practices of paid prayers and ceremonies, so that the dead ones may be profited on the another World at the jingle the earthly coins. The Messiah amazed to whip the animals in the temple that were to be bought for the redemptive sacrifice on the altar simoniacal and overthrew the tables of the moneychangers, who traded in the Temple the greek and roman coins for the sacred currencies of the magnates stewards of the divine mercy. The enlightening episode was supplanted in the popular mind by the overwhelming impact of celestials threats against the unbelievers, these demonic rebels. In vain Christ taught that Caesar's coins are valid only on Earth. Since two thousand years ago these impure coins are being accepted by God for the redemption of the condemned souls. Who can, in good conscience, to believe nowadays in a Divine Justice that works with the same fuel of the Earthly Justice? The priests have been trained to speak with voice imposted, mellifluous and pretended to, like the voice of the old sirens, pack the people in the illusions of a venal love and without mercy. Sweet voice and compassionate gestures can no longer, in our day, than annoy the people of good sense. The Christ Consoler was betrayed by the agents of the divine mercy who came down to the bank of the bargains, in the impure trade of the easy consolations. The men prefer to put in the trash their souls, that God and the Devil dispute, no one knows why.